

A natureza física e o homem: paixões em Manoel de Barros

Resumo: Os poemas de Manoel de Barros, analisados a partir da interseção *ethos*, *logos* e *pathos*, focalizam a paixão pela natureza vivenciada pelo homem pantaneiro. A Nova Retórica é o instrumento para a análise do poema como argumento, a fim de mostrar o Pantanal – seus *habitus*, fauna e flora – como cenário que provoca os movimentos passionais no homem. O estudo das metáforas sob a perspectiva de Lakoff e Johnson descortinam também a forma singular de Manoel de Barros construir poesia. Ele associa a invenção a uma memória denominada discursiva. Assim, a análise da argumentação mostra a cultura mato-grossense determinada pelo pantanal que condiciona o homem e sua forma peculiar de viver.

Palavras-chave: Retórica. Metáforas. Pantanal

Edirles Mattje Backes
Universidad Nacional de Rosario
edirles.backes@kroton.mail.
onmicrosoft.com

Lucy Ferreira Azevedo
PUC/SP
lufz1@bol.com.br

Introdução

Manoel de Barros utiliza de expressões linguísticas metafóricas para explicar conceitos que estão embutidos na cultura da qual o homem pantaneiro faz parte, com o objetivo de realçá-las e/ou encobri-las, porque as metáforas criadas neste contexto só nele podem ter base. Assim, além da paisagem, o Pantanal também é fator de origem da cultura mato-grossense e provocador dos movimentos passionais. Nesta perspectiva, na leitura do dia a dia da vida pantaneira, a realidade é lida e revestida de linguagens que recriam outros sentimentos, outros contextos e, imbricar os discursos, com a análise de *ethos*, *pathos* e *logos*, aparecem derivas que permitem o desvendamento do sentir pantaneiro.

O grande coração de Mato Grosso sempre foi o pantanal: seu ritmo, suas águas, seu sol, fauna e flora e, hoje, novas representações constroem novos valores e diferentes identidades sociais de migrantes – representadas por seus atos discursivos e pelas produções retóricas dos discursos sociais. É desse modo que o movimento das paixões ressalta no contexto da retórica que, na poesia barrense, cria uma simbiose entre homem e natureza. A Nova Retórica, assim como o estudo das metáforas sob a orientação teórica de Lakoff e Johnson, descortinam uma forma de conduzir uma leitura da poesia singular de nosso autor, associando à invenção uma memória discursiva que possibilitará o entendimento da identidade do povo do Pantanal.

O conteúdo a seguir constrói, portanto, um recorte de reflexão sobre paixões na obra de Manoel de Barros, em como o poema é argumento para fazer poesia com a natureza que está intimamente ligada ao homem.

As metáforas cognitivas de Lakoff e Johnson

As metáforas como argumento são entendidas como cognitivas, como na abordagem de Lakoff e Johnson (1980) que as escrevem como parte do nosso pensamento, da linguagem e da nossa ação cotidiana. Dizem que passamos a vida por meio delas e não significam apenas um recurso poético e/ou retórico. Os autores sustentam que a maior parte do nosso sistema conceitual é formado por metáforas em que o domínio das experiências espacial, social e emocional têm igual peso, sendo vivências igualmente básicas.

Culturas partilham valores básicos e podem valorizar diferentemente aspectos de cada um deles, a isso os autores chamam de subculturas de uma cultura dominante, como o conceito de maior e melhor, podendo ser essa a avaliação de um cidadão urbano materialista ou de um trapista numa ordem monástica.

Parte do universo de conceituar o mundo e a si mesmo através dessa estruturação linguística particular é a metonímia, diferenciada por Lakoff e Johnson (1980) como a utilização de uma entidade para se referir a outra que é relacionada a ela, cuja base são experiências com objetos físicos.

Em todas essas discussões sobre fundamentação de conceitos, os autores assinalam que alguns podem parecer de compreensão direta e outras metafórica, porém até mesmo o conceito de causalidade, que é um conceito humano básico, pode ter um núcleo de emergência direta que é elaborado metaforicamente.

Assim, as metáforas são essenciais para a percepção de como o ser humano pensa, diz e faz o seu cotidiano. Viver em que a poesia é imprescindível, pois o homem tem da "*poiesis*" uma quase fuga para as dificuldades da vida – uma função lúdica – porque ele precisa ser feliz, precisa contornar, além de omitir ou realçar: "Se a seriedade só pudesse ser concebida nos termos da vida real, a poesia jamais poderia elevar-se ao nível da seriedade". (HUIZINGA, 1992, p. 134)

O homem criou, em suas diferentes alternativas de enfrentamento para sobreviver, conforme Durand (1989), o

habitus que também considera como o realizador ou negociador da relação indivíduo/mundo. Algumas metáforas são, nesta ótica, possíveis em determinadas culturas e não em outras. Podem desaparecer ou esvaziar-se, conforme o hábito na sociedade não precisar mais ser denominado ou descrito.

As metáforas, no viver social, dependem da memória, mas não estão com os indivíduos apenas para armazenar fatos. Montenegro (1992) diz que ela lida com o vivido. Desta forma, falar por metáforas é viver. A metáfora é utilizada também para realçar ou encobrir aspectos de um conceito; ser um elo entre o homem histórico e o simbólico. Através dela, o homem faz as ligações de seus textos com a exterioridade. Assim, treina e aguça a imaginação tão importante no cotidiano: “À imaginação criadora pertence essa função do irreal, que é psiquicamente tão útil quanto a função real, tão frequentemente citada pelos psicólogos para caracterizar a adaptação de um espírito a uma realidade marcada pelos valores sociais”. (PACHECO, 1961, p. 69)

Metáforas cognitivas e a cultura

Assim, sendo o homem um ser retórico, especificamente o homem pantaneiro vivencia uma cultura que é moldada pela natureza física que a tudo conduz: “[...] por meio de ser árvore podia adivinhar se a terra era fêmea e dava sapos” (BARROS, 1999b, p. 15). A natureza então, não é apenas um ornamento linguístico, mas tem valor cognitivo fundamental. E, na obra barrense, as metáforas estão muito além do que conhecemos como tempo, lugar e sentimento. Em “Deixei uma ave me amanhecer” (BARROS, 1998, p. 15-16), temos:

Deixei uma ave me amanhecer

II

Toda vez que a manhã está sendo começada nos meus olhos, é assim...

Essa luz empoçada em avencas. As avencas são cegas.

Nenhuma flor protege o silêncio quanto elas. Ó a luz da manhã empoçada em avencas!

III.

Louçania das garças na manhã!

(...)

No poema, os pássaros acordam o homem no pantanal, provocam o seu despertar. O espaço onde começa a vida é nos olhos e ouvidos. São a porta de entrada para as figuras que motivarão o pensamento. Por isso a utilização do verbo em princípio de ação: “[...] a manhã está sendo começada”.

A metáfora é o canal pelo qual o ser humano estrutura o que percebe, vive em seu entorno e se relaciona com outras pessoas. “Quando de primeiro o homem era só, Bernardo era./ Veio de longe com a sua pré-história. Resíduos de um Cuiabá-garimpo, com vielas rampadas e crianças papudas, assistiram seu nascimento” (BARROS, 1998, p. 41). A metáfora de resíduos (coisas) que assistiram seu nascimento – ambiguidade colocada por Manoel de Barros, por meio da regência verbal – em que se perde a noção de se as coisas auxiliaram o nascimento de Bernardo ou ficaram olhando, em silêncio de avencas, o momento de seu surgimento. A natureza assiste e/ou assiste ao nascimento.

Nas metáforas cognitivas que tratam da relação interpessoal, são apresentados momentos que dependem do construto sociocultural. Eles podem ser vivenciados por meio de um painel bem amplo do sistema conceitual que aquela pessoa ou grupo experiencia.

Na cultura ocidental, conversar é diferente de discutir, porque a primeira ação implica cooperação, para a qual o participante cumpre o propósito de interação social educada, transita por várias dimensões de estrutura: participantes, partes, estágios, sequência linear, causalidade e propósito. Ao experienciar uma conversa, o homem está inconscientemente classificando sua experiência nos termos das dimensões naturais da *gestalt* desse ato; enquanto a segunda, na ação cotidiana, é mensurar forças para ganhar ou perder. Por isso, o conceito de discussão leva à metáfora conceitual. Discussão é guerra. A partir desse conceito, todas as construções metafóricas sobre discussões apreendem expressões de uma situação de luta, guerra. O fundamento dessa postura está no fato de que o homem é racional, porém, por analogia com tempos idos, ainda constrói, através da linguagem, não mais corporalmente, embates contra o “adversário”, mesmo que ideológicos.

A argumentação, a estratégia de guerra para convencer, toma a tradição cultural como fator irrefutável e real. Acontece o jogo que o poeta faz entre o valor positivo *versus* valor negativo: (BARROS, 2003, p. 16)

[...] Chegam de carro de bois Pocito e Nhá Velina Cuê. Pocito descanga os bois.

- Arruma, Graveto! Separa, Vegetal!

Pocito relenga.

-

-Boi que amansa, amanhece na canga, meu amo. Animal que dá pêlo, bentevi caga nele. Bão é pão chão e vão. Ruim é gordura de caramujo e onça ferventada. Oive de mi, xará. Quem não ouve conselho, conselho ouve ele. [...]

[...] Nhanhá está aborrecida com o neto que foi estudar no Rio e voltou de ateu

- Se é pra desaprender, não precisa mais estudar.

Na natureza sistemática de conceitos definidos metafóricamente, em alguns tipos de metáfora, há fórmulas do discurso, ou expressões idiomáticas, ou itens lexicais fraseológicos que funcionam como se fossem palavras únicas. Dessa forma, fazendo parte essencial e parcial dentro da metáfora como, por exemplo, na metáfora “a vida é um jogo de azar”.

No Pantanal, a vida também é perder ou ganhar: “a vida tem suas descompensações” (BARROS, 1999, p. 44), porém, na obra barrense, o ganho também acontece pelo avesso, porque “só me preocupo com as coisas inúteis”. (BARROS, 2003, p. 9), porque lá é onde o eu poético aflora.

Manoel de Barros em “O Palhaço” (2001, p. 43) e Passeio n° 6 (2001, p. 45) utiliza expressões linguísticas metafóricas para orientar conceitos que estão embutidos na cultura. São inadaptáveis a outros contextos, porque nascem do social pantaneiro que guia o individual.

O PALHAÇO

Gostava só de lixeiros crianças e árvores

Arrastava na rua por uma corda uma estrela suja.

Vinha pingando oceano!

Todo estragado de azul.

PASSEIO N° 6

Casebres em ruínas muros escalavrados...

E a lesma – na sua liberdade de ir nua úmida!

Assim, as metáforas apresentam perfeita coerência, estão enraizadas na cultura da qual são expressão, conforme as metáforas

ontológicas de Manoel de Barros: “Portas criavam cabelo” – personificação, extensão das metáforas ontológicas. (BARROS, 2001, p. 49).

Metáforas cognitivas e a natureza

Continuando com as metáforas cognitivas, as ideias, para Lakoff e Johnson (1980), são organismos, ideias são produto, bens de consumo, recursos, dinheiro, instrumentos cortantes, moda. Diferentemente, em Manoel de Barros, ideias são um produto de um olhar cuja ótica é a natureza vegetal e animal: “por meio de ser árvore podia adivinhar se a terra era fêmea e dava sapos/via o mundo como a pequena rã vê a manhã de dentro de uma pedra”. (BARROS, 1999b, p. 16)

O importante é grande, mas, no pantanal, importante é o antônimo, a percepção singular – o chão, a solidão, o ínfimo – pois são matéria de poesia: (BARROS, 1999b, p. 19-20)

ANTI-SALMO POR UM DESHERÓI

a boca na pedra o levava a cacto
a praça o relvava de passarinho cantando ele tinha o dom da
árvore
ele assumia o peixe em sua solidão
seu amor o levava a pedra
estava estropiado de árvore e sol estropiado até a pedra
até o canto
estropiado no seu melhor azul procurava-
se na palavra rebotalho por cima do lábio era só lenda
comia o ínfimo com farinha
o chão viçava no olho
cada pássaro governava sua árvore
Deus ordenara nele a borra o rosto e os livros com erva
andorinhas enferrujadas.

Um bugre não louva a si mesmo, porque, oprimido pelo ditadas classes dominantes, ele é inferior; no entanto, na poesia, ele é cantado por ser livre e ser composto “estropiado” – de árvore, sol, pedra, cultura pantaneira. O chão viça seu olho.

Nas metáforas ontológicas, olhos são recipientes para emoções: “Toda vez que a manhã está sendo começada nos meus olhos, é assim... Essa luz empoçada em avencas. As avencas são cegas.

Nenhuma flor protege o silêncio quanto elas. Ó a luz da manhã empoçada em avencas!" (BARROS, 1998, p. 15-16)

Efeito emocional não é contato físico, é influência da natureza: "O homem de lata/ se relva nos cantos / e morre de não ter um pássaro / em seus joelhos" (Barros, 1999b, p. 23). "O homem de lata / sofre de cactos / no quarto" (BARROS, 1998, p. 26). E os estados físicos ou emocionais são também entidades dentro de uma pessoa: "Ali eu me atrapalhava de mato como se ele / invadissem as ruínas de minha boca e a enchesse / e frases como morcegos". (BARROS, 2001, p. 67)

Vitalidade é uma substância que vem da natureza: "O homem de lata / foi marcado a ferro e fogo / pela água". (BARROS, 1999b, p. 28)

Nessa relação de metáforas, quando não há a coerência, segundo Lakoff e Johnson (1980), a discrepância é apenas aparente. Ainda os mesmos autores registram, também, que as catacreses são metáforas não sistemáticas e isoladas. Podem se expandir em subculturas, fazendo a base de metáforas principais. Na metáfora catacrese, está a maior força da obra de Manoel de Barros – entendendo – se catacrese como a utilização da palavra porque não existe uma outra para aquela situação, para o contexto do Pantanal, "Coisa que não faz nome para explicar. Como a luz que vegeta na roupa do pássaro". (BARROS, 1999, p. 33)

Lakoff e Johnson (1980) mostram a diferença entre metáfora consistente – aquela que forma uma imagem única – e metáfora coerente, aquela que se "encaixa" a outra consistente ou entre si. Concluem que as ligações entre as metáforas envolvem mais coerência que consistência. Em Manoel de Barros, no entanto, predominam as metáforas consistentes. No exemplo abaixo, o amor tem como representação a natureza – córrego – menino. Sentido pelo poeta, esse sentimento está bem distanciado da percepção urbana (o amor é uma viagem), porque o aprendizado do poeta, desde a sua infância, se dá pelo sensível, pela e na natureza. (BARROS, 1998, p. 15-16)

Em *Compêndio para uso de pássaros*, "O Menino e o Córrego", (BARROS, 1999a, p. 23-25) esse córrego menino espelha-se para se conhecer e seu movimento sabe os caminhos. Ao menino cabe beber dessas águas para criar poesia.

O MENINO E O CÓRREGO

Ao Pedro

I

A água
é madura.

Com penas de garça. Na areia tem raiz
de peixes e de árvores.

Meu córrego é de sofrer pedras

Mas quem beijar seu corpo é brisas...

II

O córrego tinha um cheiro de estrelas
nos sarãs anoitecidos

O córrego tinha suas frondes
distribuídas

aos pássaros

O corgo ficava à beira...

...de um menino...

(...)

V

Com a boca escorrendo chão

o menino despetalava o córrego de manhã todo no seu corpo.

A água do lábio relvou entre pedras...

Árvores com o rosto arreado de seus frutos
ainda cheiravam a verão

Durante borboletas com abril

esse córrego escorreu só pássaros...

O estudo do poema barrense como argumento, na intersecção *ethos, logos e pathos*, como junção de águas, demonstra o quanto a cultura pantaneira está ligada à natureza – paixão construída por Manoel de Barros com a melhor poesia – e, ainda seguindo as águas em seu contínuo, à reflexão contínua, descobrindo novos sentidos, provocando discussões sem término, sem ponto de chegada.

Physical nature and the man: passions at Manoel de Barros

Abstract: The poems of Manoel de Barros, analyzed from the intersection of *ethos, logos* and *pathos*, focus the passion for nature experienced by the swamp man. The New Rhetoric is the instrument for the analysis of the poem as an argument in order to show the wetland – their habitus, fauna and flora – like scenery that causes the passionate movements in the man. The study of metaphors from the perspective of Lakoff and

Johnson also unveils the singular form of Manoel de Barros' build poetry. He associates the invention to a discursive called memory. Thus, the analysis of the argument shows the Mato Grosso culture determined by the wetland which conditions the man and his peculiar way of living.

Keywords: Rhetoric. Metaphors. Pantanal

Referências

- BARROS, M. de. *Concerto a céu aberto para solos de ave*. 2.ed. São Paulo, Record, 1998.
- BARROS, M. de. *Compêndio para uso dos pássaros*. 3. ed. São Paulo: Record, 1999a.
- BARROS, M. de. *Gramática expositiva do chão*. 3. ed. São Paulo: Record, 1999b.
- BARROS, M. de. *Poemas concebidos sem pecado*. São Paulo: Record, 1999c.
- BARROS, M. de. *Matéria de Poesia*. 5. ed. São Paulo: Record, 2001.
- BARROS, M. de. *Livro de pré-coisas*. 4. ed. São Paulo: Record, 2003.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial presença, 1989.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento na cultura* (1938) São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphor we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória/a cultura popular revisada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- PACHECO, E. D. (Org.). *Comunicação, educação e arte na cultura infanto juvenil*. São Paulo: Loyola, 1961.

Recebido: 07/07/2014. **Aprovado:** 19/03/2016.